

**A VOZ PROFÉTICA DOS EXCLUÍDOS: SONHOS  
DE MUITOS E TEIMOSIA DOS PEQUENOS EM  
Jo 9,1-41 E NOS ÍNDIOS TAPUIA**

*Dionivaldo Pires\**

**Resumo**

*Ver a realidade como ela é, falar, exigir, ser livre e ter autonomia pode ser crime: os súditos não podem ter opinião própria. Contudo, o ex-cego de Jo 9 e os tapuia (Rubiataba-GO) desafiaram os que tentavam oprimi-los e se tornam testemunhas de resistência para muitos grupos que são impossibilitados de ver; por outro lado, os dirigentes e autoridades são surdos porque não querem ouvir a voz libertadora dos subalternos. Nosso escopo é mostrar que, no ex-cego e nos tapuia, temos dois exemplos libertadores de subalternos que falam e se apresentam, incomodando os opressores, questionando as estruturas e ressuscitando a esperança de muitos índios, negros, mulheres excluídas e silenciadas pela ideologia dominante.*

**Palavras-chaves:** *Ousar. Falar. Autonomia. Identidade.*

**Abstract**

*Seeing the reality as it is, speaking, demanding, being free and having the autonomy could be a crime: the subjects can't have their own opinion. Nevertheless, the former blind of Jo 9 and the Tapuia Indians (Rubiataba-GO) defied those who tried to oppress them and became witnesses of resistance to many groups who are not allowed to see; by the other hand, the authorities and commandants are deaf because they don't want to listen to the liberator voice of the subjects. Our purpose is to show that, both in the former blind and in the Tapuia Indians, we have two liberator examples of subjects who speak and introduce themselves, bothering the oppressive authorities, questioning the structures and rising many Indians, black people and women's hope, silenced and excluded by the dominant ideology.*

**Keywords:** *To dare. To speak. Autonomy. Identity.*

\* Dionivaldo é Doutorando do Programa em Ciências da Religião da PUC Goiás (dpires@hotmail.it).

## Introdução

O quarto Evangelho é conhecido como o mais ‘espiritual’ de todos, que fala somente das coisas do alto e deixando as coisas terrenas. Contudo, os cristãos latino-americanos e caribenhos começaram a fazer leituras politicamente comprometedoras. Trata-se de leituras histórico-críticas deste Evangelho, que o libertam de interpretações espiritualistas ou de uma mística idealista e oferecem novas chaves interpretativas. É a partir dessa ótica que queremos oferecer nossa contribuição.

Além de nos revelar quem é Jesus, podemos tirar o objetivo deste Evangelho, a partir de Jo 20,30-31:

*Jesus fez na presença dos seus discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome.*

Um primeiro objetivo, portanto, “é reforçar a fé em Jesus como Messias e doador de vida”<sup>1</sup>. O segundo é consequência do primeiro: “encorajar a professar publicamente a fé também em situações hostis”<sup>2</sup>. A fé, portanto, “não se encerra numa atitude definitiva, mas se desenvolve num processo dinâmico”<sup>3</sup>.

Kysar<sup>4</sup>, que muito se dedicou a compreender o escopo do Evangelho, mais de uma vez afirmara que seu propósito não pode ser determinado apenas de Jo 20,30s, mas também de textos onde se fala da necessidade de professar a fé em Cristo num contexto hostil, como por exemplo o sinal do cego de nascença.

Sendo assim, o Evangelho foi escrito em parte para responder essa perseguição e conflito com a Sinagoga<sup>5</sup>. É justamente nesse contexto que o sinal da cura do cego de nascença nasce como protesto da comunidade que resiste, crê, confessa e testemunha Jesus Cristo por meio de um excluído, cego e mendigo.

A partir de Jo 9 (primeiro momento), pretendemos levantar as intenções da comunidade joanina em relatar este sinal efetuado por Jesus, da forma como ele se apresenta. Procurando entender como aconteceu a libertação dos condicionamentos das normas da Sinagoga naquele cego, levando-o a converter-se a Jesus. Este exemplo pode ter sido usado com a intenção de abrir os olhos de outras pes-

1. EGGER, E. *Metodologia del Nuovo Testamento*. Bologna: EDB, 2002, p. 142.

2. BEUTLER, J. *Gesù a Gerusalemme*. Roma: Biblico, 2002, p. 20.

3. RUBEAUX, F. As raízes do Quarto Evangelho. In: *Ribla*. Cristianismos originários (30-70 dC). São Leopoldo: Sinodal; Rio de Janeiro: Vozes, v. 22, (1995), p. 64.

4. Cf. KYSAR, R. *The Fourth Evangelist and His Gospel*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1975, p. 147-165.

5. Cf. CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. A study in Literary Design. Philadelphia: Fortress Press, 1983, p. 54-61.

soas, simpatizantes ou membros da comunidade, com a finalidade de encorajá-las a uma adesão definitiva a Jesus Cristo por meio do testemunho de teimosia do ‘pequeno’ e excluído, cego.

Num segundo momento, nos passos do ex-cego queremos ler a experiência da luta corajosa de um grupo de índios Tapuia (região de Rubiataba-GO), que com ousadia expressam os sonhos de muitos e fazem ouvir sua voz profética. Com a força e a dimensão de águia, buscam recuperar sua memória coletiva e reafirmar a importância de sua identidade, num cenário sempre excludente. Na figura do ex-cego e também dos índios tapuia o leitor (a) se dará conta que o subalterno poderá falar e fazer conhecer seu valor.

### 1. Estrutura narrativa do sinal do cego de nascença Jo 9,1-41

A A constatação de Jesus: trevas e luz: 9,1-5

B Encontro com Jesus: o sinal 9,6-7

C Reação dos vizinhos e do povo: primeiro interrogatório: 9,8-12

D Fariseus interrogam o ex-cego: segundo interrogatório:  
9,13-16

E *é um profeta*: 9,17

D’ Judeus interrogam aos pais: terceiro interrogatório:  
9,18-23

C’ Reação das lideranças: quarto interrogatório: 9,24-34

B’ Reencontrado por Jesus: a fé confirmada: 9,35-38

A’ O discernimento diante de Jesus: trevas ou luz: 9,39-41

São sete cenas “tão bem elaboradas que nenhuma palavra é desperdiçada”<sup>6</sup>. De fato, “o episódio é um verdadeiro drama em miniatura. “Poderia intitular-se ‘a crítica de um sinal’”<sup>7</sup>.

### 2. Contexto vital e sociológico do Evangelho, fotografado em Jo 9

Diz-se que o conflito é o lugar teológico do quarto Evangelho, “uma comunidade missionária e em busca de identidade”<sup>8</sup>. Mas por que as comunidades

6. BROWN, R.E. *Giovanni*. Commento al Vangelo spirituale. Città di Castello: Cittadella, 2005, p. 476.

7. PIRES, Dionivaldo R. *Crer e professar a fé em Jo 9,1-7.35-41*, p. 2.

8. RUBEAUX, F. As raízes do Quarto Evangelho. In: *Ribla*. Cristianismos originários (30-70 dC). São Leopoldo: Sinodal; Rio de Janeiro: Vozes, v. 22, (1995), p. 64.

estão passando por crises? O que está, de fato, acontecendo nesse momento? São duas grandes crises que passa a pequena comunidade cristã: “perseguição romana e a ruptura definitiva com o Judaísmo Formativo”<sup>9</sup>.

Os fariseus são os únicos que se estabelecem e se fortalecem depois da guerra de 70, como um movimento que dá maior importância à piedade e à *Torá*. Nasce, portanto, o Judaísmo Formativo, em Jâmnia, por volta do ano 90 que significava a nova imagem e identidade do Judaísmo. A Academia de Jâmnia foi acrescida de um tribunal que herdou, por força das circunstâncias, uma parte dos poderes outrora confiado ao Sinédrio. Esse contexto de conflito explícito entre grupos no interior do Judaísmo explica mais adequadamente as menções de conflitos entre os judeu-cristãos e a Sinagoga. O motivo da expulsão foi basicamente a profissão de fé em Jesus Cristo (cf. Jo 9,22.35). É provável que o fato desta expulsão esteja ligado à reformulação de uma das dezoito bênçãos, que eram recitadas nas sinagogas. A décima segunda bênção, reformulada, “envolvia uma maldição sobre os judeu-cristãos”<sup>10</sup>.

Jo 9,22 é a fotografia de Jâmnia, expulsando os cristãos do Judaísmo (Sinagoga). Este fato é tão importante que João o menciona três vezes (Jo 9,22.35; 12,42; 16,2). A comunidade se viu no desafio: ou ceder às pressões dos fariseus ou permanecer firme nas propostas inclusivas de Jesus de Nazaré, mesmo a custo de não ser aceito mais na Sinagoga e sofrer todas as consequências da exclusão. A comunidade, fotografada no ex-cego, opta pela segunda alternativa.

### 3. Quando o subalterno fala em Jo 9,1-41

Spivak<sup>11</sup> discutiu a (im)possibilidade de fala do subalterno, em *Pode o subalterno falar?*, abrindo caminho para questionar a própria fala do intelectual das ciências humanas. Isto porque subjacente à questão “pode o subalterno falar?” estão outras como: Pode o intelectual falar pelo subalterno ou em seu nome? O intelectual pode dar voz ao sujeito subalterno silenciado? Diante da impossibilidade de fala do subalterno, qual a atitude do intelectual que pretende se colocar no campo contra-hegemônico?

Neste aspecto Spivak tece duras críticas a Foucault e Deleuze, não somente por ser uma indignidade falar pelo outro, nem tampouco pela recusa à representação, para ela não existe possibilidade do outro, ou o subalterno, falar nos textos dos intelectuais porque a intermediação desse outrem, que é o intelectual, já de-

9. FERREIRA, Joel A. *Paulo, Jesus e os marginalizados*. Leitura conflitual do Novo Testamento. Goiânia: Ed. da UCG, 2009, p. 199.

10. MANN, F. *L'Évangile de Jean à la lumière du Judaïsme*. Analecta 33. Jerusalém: Franciscan Printing Press, 1991, p. 487.

11. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

monstra como não existe caráter dialógico na fala do subalterno. É por meio da reflexão atravessada por essa problemática que Spivak anuncia a impossibilidade de fala do sujeito subalterno ao mesmo tempo em que abre novas possibilidades de leituras sobre a temática. Spivak imprime um caráter transdisciplinar à sua obra ao abordar temas de cunho filosófico, literário, histórico e cultural, à luz das ideias de Foucault, Deleuze, Derrida entre outros.

Seguindo essa lógica, no texto a ser analisado o personagem e a voz é de um subalterno, texto construído certamente, mas a voz é de um cego que fotografa a comunidade sem voz e tida como cega. De fato, o protagonista ou sujeito principal da trama não é Jesus, e sim o cego que começa a enxergar. Queremos analisar as múltiplas implicações de tal protagonismo fotografado pelo cego de nascença, um subalterno falante e profeta.

#### 4. No conflito e perseguição o subalterno fala e também ensina

Já de início “a figura do ex-cego suscita simpatia”<sup>12</sup> no leitor, justamente porque do início ao fim é ativo, corajoso, ousado e inteligente. De fato, esse subalterno tem maturidade, é a voz de uma comunidade sufocada e oprimida, não obstante a ausência de Jesus ser a mais longa do Evangelho de João, do v. 8 ao v. 34, “o ex-cego dá um testemunho de qualidade”<sup>13</sup>.

Um detalhe importante é que o mesmo não procurou nem buscou Jesus, o que dá a entender que ele já tinha se acostumado com a situação. Foi necessária a iniciativa de Jesus para que provocasse um incômodo. Não custa salientar que a situação do cego reflete também a situação da comunidade. O leitor do Evangelho de João está em condições de entender que Jesus “abandonara o templo e voltara à clandestinidade (Jo 8,59), mas não renunciara ao seu trabalho em favor do homem”<sup>14</sup>; além do mais, o leitor fica sabendo que em 9,8 o ex-cego sem nome também era mendigo: “a sociedade não dá nome e não trata as pessoas pobres, pecadores, mendigos ou cegos pelo nome”<sup>15</sup>. Note-se que este indivíduo “não foi culpado de sua situação, e tampouco os pais (9,3). São outros os culpados; no evangelho, os fariseus, que, com sua interpretação e praxe da Lei, propõem como luz o que eles sabem ser trevas (9,40s)”<sup>16</sup>. Portanto, era impotente, dependia dos outros, mas agora começará o seu processo de autonomia e de libertação.

12. WENGST, k. *Il vangelo di Giovanni*. Brescia: Queriniana, 2005, p. 390.

13. MARCHADOUR, A. *I Personaggi del Vangelo di Giovanni*. Bologna: EDB, 2007, p. 96.

14. MATEUS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. Análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulus, 1999, p. 423.

15. MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João*. Uma nova leitura dos evangelhos. Porto Alegre: Mazzarolo editor I, 2004, p. 197.

16. MATEUS, Juan. *A utopia de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 107.

Nos vários interrogatórios é importante perceber como o ex-cego passa em um “piscar de olhos da condição de miraculado à de réu”<sup>17</sup>. Além da função que ocupam os diálogos, as interrogações podem ter a intenção de levar os leitores a questionar as estruturas em que estão mergulhadas<sup>18</sup> e foram elaborados para transmitirem um tipo especial de encontro de fé em um contexto conflitual.

Queremos ouvir a voz de um subalterno (9,9-17.24-34), de alguém que, na ausência de Jesus, sabe se ‘virar’, sabe dar testemunho e mostrar que, de fato, tem maioria. Um detalhe importante é o fato de que o ex-cego (9,11) não ‘sabe’ quem é Jesus: ‘*um homem chamado Jesus*’. Instado a dar conta de suas impressões, cuida de tratar-se de ‘*um profeta*’ (v. 17). Os fariseus querem dirigir seus pensamentos, suas palavras, seu raciocínio – mas ele tem a sua própria forma de enxergar os fatos, consegue fazer uma leitura crítica da realidade.

O subalterno fala com ironia, mas as autoridades se fazem surdas (9,27): ‘*eu já disse a vós e não ouvistes, por que novamente quereis ouvir? Será que também vós quereis vos tornar discípulos dele?*’ De fato, ele já havia dito aos fariseus em 9,16, mas eles não podiam nem quiseram escutar a voz de um excluído, de um pecador (9,34) e desclassificado. Geralmente, as autoridades se fazem de ‘surdas’ ante as reivindicações: a palavra franca do ex-cego reforçando a identidade de Jesus como um profeta não os convence.

O fato é que, agora, o ex-cego não age como réu, mas assume a posição de mestre, daquele que instrui em favor do ‘*profeta*’ (9,17) e assim também se torna profeta. Quando os fariseus insistem, pela terceira vez, em querer saber detalhes comprometedores, o cego, além de ironizar a acusação das autoridades de que Jesus é um pecador, dá uma resposta recheada de sabedoria:

*‘Nisto, pois, o maravilhoso está, que vós não sabeis donde é e no entanto abriu meus olhos. Sabemos que pecadores Deus não ouve; porém, se alguém temendo a Deus for e a vontade dele fizer, a este ouve. Desde o princípio não foi ouvido que alguém abriu os olhos de cego nascido. Se não fosse este da parte de Deus não poderia fazer nada’ (9,30-33).*

Ele evita a armadilha do campo teológico: entre verdade dogmática e a própria experiência, a última é mais importante: ‘*eu não sei se é pecador, só sei uma coisa: eu era cego e agora vejo*’ (9,25). Dá aos judeus uma lição de sabedoria num discurso erudito. Subalterno também ensina: ele faz uma retomada dos interrogatórios e assim desmascara a contradição dos seus juízes.

Em desvantagens, os fariseus não têm outra alternativa senão expulsá-lo da Sinagoga. Cego, curado, interrogado, vidente, testemunha, mestre e banido, o su-

17. MAGGI, Alberto. *Como ler o evangelho sem perder a fé*. São Paulo: Loyola, 1999, p.108.

18. Cf. RODRIGUES, Maria de Paula; VASCONCELOS, Paulo L.; SILVA, Rafael Rodrigues da. *Fé na vida: a boa notícia segundo uma comunidade na periferia do mundo*. São Leopoldo: CEBI, 1999, p. 19.

balterno fotografa “os cristãos perseguidos na época de Jâmnia pelas autoridades da Sinagoga”<sup>19</sup>. O ex-cego encarna as palavras dos pais (9,21): ‘*a ele perguntai, idade tem, em defesa de si mesmo falará*’. Chegou à maturidade da fé ao ponto máximo de prostrar-se em adoração, passando por todas as intempéries do caminho: um homem que se chama Jesus (9,11), um profeta (9,17), um que vem de Deus (9,33) e, finalmente, o Filho do Homem (9,35-38).

Além das várias formas de reagir dos vizinhos, pais e fariseus que o texto apresenta, temos, no Evangelho de João, outros exemplos de judeus que acreditavam em Jesus, porém não tinham coragem de manifestar sua fé publicamente por medo das autoridades e também porque não queriam abrir mão de seus privilégios e *status* social. Nicodemos, por exemplo, é fariseu, chefe dos judeus, membro do Conselho (Jo 3,1.4.9; 7,50; 19,39). Acolhe Jesus, simpatiza-se com a comunidade cristã, mas às escondidas.

O protagonismo do cego é evidente: de mendigo torna-se vidente, sabe perceber a situação e até dá uma aula às autoridades, de desprezado torna-se acolhido e, além do mais, não perde sua identidade, já que muitos duvidaram dela (Jo 9,9). Ao contrário dos pais, o ex-cego sai da zona de conforto, mesmo o evangelista dizendo o motivo: ‘*Para não serem excluídos, pois a decisão de expulsar quem conferisse autenticidade divina ao fato fora tomada e parece que era pública*’ (9,22). O silêncio dos pais, que por muitos é “relegado a uma posição secundária [...] como resto de linguagem”<sup>20</sup>, para Spivak vai configurar-se como silêncio que “liga o não dizer à história e à ideologia”<sup>21</sup>; ou seja, significa, não é superficial e tem implicações ruidosas sobre a vida dos sujeitos.

Esse subalterno, expressão da teimosia dos pequenos, tem muito a dizer em nome da comunidade aos juízes de então: Jesus se encontrava fora do Templo (8,59), onde acontecera uma discussão e agora vê o cego excluído (a comunidade) justamente no momento em que ele próprio é excluído pelas autoridades. Jesus que não é cego, mas o Filho que, como vê o Pai, vê também os irmãos, toma iniciativa e vai ao seu encontro oferecer ajuda a quem precisa. Jesus toma a nossa causa, está conosco, foi excluído e vê que também o fomos. Por outro lado, a comunidade, fotografada no ex-cego, agora interrogada pelos fariseus começa a ensinar sobre quem é Jesus, ou seja, nós não somos cegos, somos capazes inclusive de ensinar, de anunciar, de proclamar Jesus, somos capazes de falar por nós mesmos. Essa é a resposta-crítica que a comunidade faz aos mestres e doutores do Judaísmo Formativo.

19. KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 201.

20. ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 2002, p. 12.

21. IDEM. p. 12.

### 5. Subalternos que falam: índios Tapuia (Rubiataba-GO) em busca da memória coletiva<sup>22</sup>

A partir do que foi dito sobre o processo de autonomia e identidade do ex-cego, podemos dizer que “tal leitura não fecha os olhos diante da opressão e da exclusão que pesam sobre nossa sociedade, nem foge do projeto de transformá-la”<sup>23</sup>. E é seguindo essa lógica que queremos trazer presente a voz sofrida, contudo, firme e esperançosa dos índios Tapuia, na Área Indígena do Carretão, que, por sua vez, está situada nos municípios de Nova América e Rubiataba-GO, somando atualmente cerca de 200 pessoas.

Suas trajetórias apresentam a luta pela terra e por uma identidade étnica violada pela interferência de interesses econômicos dos fazendeiros da região e por um período de aldeamento, que provocou uma ressignificação de suas práticas culturais. Os índios que não fugiram do aldeamento casaram-se entre si ou com escravos e por outras vezes com brancos pobres. Essa miscigenação fez com que o modo de vida indígena se aproximasse ao modo de vida camponês. A língua do povo Tapuia é o português. Este fato foi um argumento utilizado pelos fazendeiros/posseiros para também negar a identidade indígena e fazê-los calar, como o Judaísmo Formativo pretendia fazer calar o cego. Tal fato nos remete rememorar como a história é contraditória. Durante o período colonial, a Língua Portuguesa foi imposta aos indígenas como única aceitável, e atualmente, no caso dos Tapuia, o índio para ser índio não pode falar português<sup>24</sup>.

O povo Tapuia sempre lutou por sua identidade étnica para ser reconhecido como índio e a importância desse reconhecimento para sociedade. Essas questões de identidade permeiam a história desse povo corajoso até mesmo na etimologia do nome Tapuia, que segundo Silva<sup>25</sup>, ao considerar a etimologia

22. Somos devedores aos seguintes estudiosos e pesquisadores desse importante tema: REZENDE, Tânia F. *Entre a senzala, o Tijupá e a escola: a questão linguístico-identitária entre as/os Tapuia do Carretão-Goiás*. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. SILVA, Lorraine Gomes da; VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. Os Tapuia: uma história de resistências e esperança, In: TARAIRIÚ – *Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB*. Campina Grande, Ano III – V. 1 - Número 04 – Abr/Mai de 2012. CERQUEIRA, Ádria Borges Figueira. A memória coletiva Tapuia na retomada do território: os limites da terra indígena e suas implicações, In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011.

23. KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 58.

24. Veja que o tema da identidade ligada também à linguagem é clássico na Antropologia: Para ser índio é preciso falar uma língua indígena? Se não houver na comunidade nenhum falante de língua indígena, então essa comunidade não é indígena? A língua não pode ser tomada como o único fator de identidade, só porque é conveniente desconstruir uma identidade. Cf. TRINDADE, Israel Elias. *O fenômeno da Monotongação no Português Tapuio*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

25. SILVA, Cristhian Teófilo da. “Parados, bobos, murchos e tristes” ou “caçadores de onça”? In: *Estudo sobre a situação histórica e a identificação étnica dos tapuios do Carretão/GO*. Boletim Anual do Geri (Grupo de Estudos em Relações Interétnicas). Nº 04. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Sociais. Departamento de Antropologia. 2000, p. 8.

do termo ‘tapuia’ e reconhecendo que sua ocorrência particular em situações sociais em que esta palavra é utilizada acabou por convertê-la em um etnônimo, ou seja, temos, por um lado, que o termo ‘tapuio’ é uma referência genérica a índios e não o nome de uma etnia, e por outro, a construção da própria autodenominação de um grupo étnico.

A aproximação com o modo de vida camponês e sua origem presente entre outras etnias (os Xavante, os Xerente, os Karajás e os Kaipó) fez com que houvessem ressignificações culturais. Por isso, que a memória coletiva se tornou um elemento fundamental no processo de retomada do território tapuia. Em um primeiro momento, foram organizadas pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário) que introduzira “um novo estilo de tratar a questão indígena”<sup>26</sup>; posteriormente, os próprios indígenas assumiram a liderança na organização das assembleias.

O interesse pela retomada da posse dessa terra partiu do entendimento de que estavam sendo subtraídos de algo que era deles por herança legítima. É imprescindível reconhecer que “os territórios indígenas são frutos de processos identitários em que elementos definidores do grupo étnico e sua territorialidade são construídos pelos próprios membros de forma situacional, como ato político”<sup>27</sup>. Para os Tapuia do Carretão a terra significa, sim, um espaço para a sobrevivência física, porém, para além de um meio básico para a produção, ela também significa a base para “o sustentáculo da identidade étnica”<sup>28</sup>.

Nessa luta constante e sem tréguas pela identidade, o atual cacique da aldeia afirma que uma das grandes conquistas foi a escola indígena, criada em 2003<sup>29</sup>. O objetivo da escola é trabalhar a interação dos conhecimentos indígenas e não indígenas. Os educadores da escola e todos os estudantes são Tapuia.

Professores(as) indígenas fizeram o Curso de Licenciatura Intercultural de Formação de Professores Indígenas, na Universidade Federal de Goiás. Um dos eixos de destaque do curso é a diversidade e a sustentabilidade e tem como proposta pedagógica a interculturalidade e a transdisciplinaridade.

A escola indígena é uma das conquistas desse povo, o que mostra que eles não pararam de lutar, mesmo sabendo das dificuldades de obter vitórias.

26. ROCHA, Leandro Mendes; BITTENCOURT, Libertad Borges. *Indigenismo e participação política na América Latina*. Goiânia: Editora UFG, 2007, p. 87.

27. ROCHA, Leandro Mendes. O índio e a questão agrária no Brasil: novas leituras de velhos problemas. In: SALOMON, M.; SILVA, J.F.; ROCHA, L.M. (orgs.). *Processos de territorialização: entre a história e a antropologia*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005, p. 26.

28. Cf. OLIVERIA, João Pacheco de (org.). *Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

29. Escola Cacique José Borges.

Sabe-se que recentemente (18/06/2013)<sup>30</sup> aconteceu uma reunião na Subsecretaria Regional de Educação de Rubiataba, onde a principal solicitação dos professores é que o conteúdo pedagógico ministrado na escola tenha enfoque no resgate da cultura indígena, com a flexibilidade da grade curricular. Segundo esclareceram, por orientação da Secretaria Estadual de Educação, o conteúdo a ser ministrado não tem permitido a introdução de temas relativos à cultura e costumes indígenas.

De acordo com os docentes, o conteúdo programático das aulas é muito rígido; assim, na tentativa de introduzir tópicos sobre a cultura indígena, os professores não conseguem aplicar o que é exigido pela secretaria, nem atender aos anseios da comunidade.

Na reunião também foram requisitadas a realização de concurso público específico para professor indígena, já que os profissionais da escola têm trabalhado há anos apenas por meio de contratos anuais, e ainda uma vaga para um representante indígena no Conselho Estadual de Educação.

A implantação da escola tomou-se importante marco na luta de sobrevivência do grupo para garantir a retomada e posse da terra. A pesquisa evidencia que os Tapuia veem na construção da Escola Indígena a possibilidade de resgatar sua identidade indígena e suas tradições culturais que lhes dão melhor visibilidade e reconhecimento no cenário regional e nacional: fazer ouvir sua voz e celebrar suas vitórias. Acende-se agora a esperança de um encontro mais consistente com suas origens e com seu passado histórico.

### **Conclusão: Sonhos de muitos e teimosia dos pequenos**

Os exemplos dos Tapuia e do ex-cego são inspiração para abrir os olhos e bocas de outras pessoas: grupos de mulheres, de sem-terras, sem-tetos, de vítimas de barragens, camponeses explorados, de desempregados, de crianças de rua, de ‘povo de rua’, de gente negra e quilombola, de aborígenes à beira do extermínio, interminável ‘procissão de sombras’ (Manuel Bandeira)<sup>31</sup>, gente excluída e que não conta para o sistema dominante, verdadeiros ‘fantasmas’ que assombram e permanentemente perturbam a ‘ordem’ estabelecida, como Aquele que é capaz de ‘*entrar quando estão fechadas as portas*’ (Jo 20,19.26), pois os pobres sempre amedrontam quando falam.

30. Na mesma reuniram-se a coordenadora do Centro de Apoio Operacional da Educação, Simone Disconsi de Sá Campos, a promotora Denise Nóbrega Ferraz, que responde pela Promotoria de Justiça de Rubiataba, a subsecretária regional de Educação, Jovenília Biê de Lima, integrantes da secretaria, professores, coordenadores pedagógicos, pais de alunos, além do cacique e do vice-cacique da etnia tapuia. Cf. <http://www.mngo.mp.br/portal/noticia/promotoras-se-reunem-com-professores-de-escola-indigena-em-rubiataba>>. Acesso em: 29 out. 2013.

31. Cf. Poema: *Noite Morta*. Petrópolis, 1921.

O ex-cego<sup>32</sup> tendo sempre vivido como tal nunca soube que poderia e deveria ser homem segundo o projeto do criador (Jo 1,4) e, por isso, nem sequer aspirava a sair da cegueira. Provocado por Jesus, o subalterno resgata sua dignidade (sou eu: Jo 9,9), tem liberdade de opinião (ele é um profeta: Jo 9,17), tem autonomia ao julgamento dos juízes (Jo 9,24s), inteligência e ousadia para mostrar-lhes a contradição interna de seus argumentos (Jo 9,30-33). Mostra-lhes que cego também tem voz, teimosia, visão e coragem para enfrentar as perseguições (Jo 9,34) e, por outro lado, a instituição judaica não suporta a liberdade e expulsa quem a obtém. Antes era imóvel, impotente e dependente, agora, contudo, é independente, sabe se defender e até discutir com ironia e sabedoria em pé de igualdade com os mestres fazendo os argumentos destes vacilar perante o ocorrido.

O ex-cego é provado pela perseguição, mas não obstante isso dá o salto para fé em Jesus. A partir dessa realidade que a comunidade vive, se dá conta que o quarto Evangelho é comprometedor, está longe de um espiritualismo desencarnado. A adesão a Jesus deve desembocar na adesão ao ser humano (Jo 9,4), sobretudo naquele que é excluído, que é impedido de falar, que é dependente dos 'bons'; aderir a Jesus é possibilitar o êxodo ao ser humano. Nesse sentido que a experiência modelar dos índios tapuia que veem e buscam alternativas se torna exemplar para todos, como o foi a do ex-cego para a comunidade de então.

Os índios sofreram perseguições como o ex-cego, viveram (vivem) conflitos com fazendeiros, posseiros e grileiros da região que tentaram expulsá-los de suas terras, mas os mesmos optaram pelo caminho sempre difícil da resistência corajosa e teimosia dos pequenos e sonho de muitos. Os fazendeiros, posseiros e grileiros tentaram de várias maneiras colocar em dúvida o direito de posse que essa comunidade alegava ter sob essas terras, assim como fizeram os fariseus ao ex-cego. O maior desafio dos Tapuia é serem reconhecidos como índios, assim como os cristãos fotografados no ex-cego foram descaracterizados como tais. O ex-cego buscou em Jesus de Nazaré sua identidade, os Tapuia evocaram a sua memória coletiva nos índios Xavante. O ex-cego passou de réu a professor dos fariseus, os tapuia têm escola, são professores, ensinam, têm voz, sabem sua história e sua identidade.

Ver a realidade como ela é, falar, exigir, ser livre e ter autonomia pode ser crime: os súditos não podem ter opinião própria. Contudo, o ex-cego e os Tapuia desafiaram os que tentavam oprimi-los e se tornam testemunhas de resistência para muitos grupos que são impossibilitados de ver; por outro lado, os dirigentes e autoridades são surdos porque não querem ouvir a voz libertadora dos subalternos.

Além do mais, poderia até se perguntar qual seria o papel dos intelectuais na perspectiva do nosso artigo, já que eles não são representantes do subalterno:

32. Cf. MATEUS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. Análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulus, 1999, p. 420-421.

pode o subalterno falar? Para Spivak<sup>33</sup> o papel dos intelectuais não deve ser o de representar ou falar pelo sujeito subalterno, eles devem abrir espaços para que eles possam falar e, mais do que isso, que possam ser ouvidos, pois não resolverá o problema se estes falarem e ninguém os ouvir. Os intelectuais não são representantes de ninguém, mas podem abrir meios eficazes para que os excluídos sejam ouvidos e se autorrepresentem.

Nesse sentido, no ex-cego e nos Tapuia, temos dois exemplos libertadores de subalternos que falam e se apresentam, incomodando os opressores, questionando as estruturas e ressuscitando a esperança de muitos índios, negros, mulheres excluídos e silenciados pela ideologia dominante.

### Bibliografia

- BEUTLER, J. *Gesù a Gerusalemme*. Roma: Biblico, 2002.
- BROWN, R.E. *Giovanni*. Commento al Vangelo spirituale. Città di Castello: Cittadella, 2005.
- CERQUEIRA, Ádria Borges Figueira. A memória coletiva Tapuia na retomada do território: os limites da terra indígena e suas implicações, In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011.
- CULPEPPER, R. Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel*. A study in Literary Design. Philadelphia: Fortress Press, 1983.
- EGGER, E. *Metodologia del Nuovo Testamento*. Bologna: EDB, 2002.
- FERREIRA, Joel A. *Paulo, Jesus e os marginalizados*. Leitura conflitual do Novo Testamento. Goiânia: Ed. da UCG, 2009, p. 199.
- KYSAR, R. *The Fourth Evangelist and His Gospel*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1975.
- KONINGS, J. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 201.
- MAGGI, Alberto. *Como ler o evangelho sem perder a fé*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MANNS, F. *L'Évangile de Jean à la lumière du Judaïsme*. Analecta 33. Jerusalém: Franciscan Printing Press, 1991.
- MARCHADOUR, A. *I Personaggi del Vangelo di Giovanni*. Bologna: EDB, 2007.
- MATEUS, Juan. *A utopia de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O Evangelho de São João*. Análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulus, 1999.

33. Cf. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?*, p. 60-67.

MAZZAROLO, Isidoro. *Lucas em João*. Uma nova leitura dos evangelhos. Porto Alegre: Mazzarolo editor I, 2004.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 2002.

OLIVERIA, João Pacheco de (Org.). *Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

PIRES, Dionivaldo R. *Crer e professar a fé em Jo 9,1-7.35-41*. Dissertação (Mestrado em Teologia Bíblica) – Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2009.

REZENDE, Tânia F. *Entre a senzala, o Tijupá e a escola: a questão linguístico-identitária entre as/os Tapuia do Carretão-Goiás*. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

ROCHA, Leandro Mendes. O índio e a questão agrária no Brasil: novas leituras de velhos problemas. In: SALOMON, M.; SILVA, J.F.; ROCHA, L.M. (orgs.). *Processos de territorialização: entre a história e a antropologia*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005; BITTENCOURT, Libertad Borges. *Indigenismo e participação política na América Latina*. Goiânia: Editora UFG, 2007.

RODRIGUES, Maria de Paula; VASCONCELOS, Paulo L.; SILVA, Rafael Rodrigues da. *Fé na vida: a boa notícia segundo uma comunidade na periferia do mundo*. São Leopoldo: CEBI, 1999.

RUBEAUX, F. As raízes do Quarto Evangelho. In: *Ribla*. Cristianismos originários (30-70 dC). São Leopoldo: Sinodal; Rio de Janeiro: Vozes, v. 22, (1995), p. 60-72.

SILVA, Lorraine Gomes da; VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. Os Tapuia: uma história de resistências e esperança, In: TARAIRIÚ – *Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB*. Campina Grande, Ano III – V. 1 - Número 04 – Abr/Mai de 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TRINDADE, Israel Elias. *O fenômeno da Monotongação no Português Tapuio*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

WENGST, K. *Il vangelo di Giovanni*. Brescia: Queriniana, 2005.

Dionivaldo R. Pires  
Alameda B, 111 – Chácara São Pedro  
74923-180 Aparecida de Goiânia, GO  
E-mail: dpires@hotmail.it